

O BERÇO da CREIÇÃO

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.º
Impressão: Tlp. Minerva — Vila Nova de Famalicão

A FOGUEIRA ESPANHOLA

A' MARGEM

I

A propaganda fizera-se teatralmente. Cartazes berrantes, ao longe, ferindo a vista, dispostos uns ao lado dos outros, amontoados, dando a impressão de decoração, à pressa, duma «verbenas» imensa... palavras, palavras e mais palavras! — rios de dinheiro gasto!

Idealistas sinceros, sonhadores da vida de oiro e rosas, de paz e harmonia, — a vida não é luta — oferecem o seu saber ao serviço duma causa que julgam justa e boa — a causa da liberdade! Ao lado, pensando prègar nova doutrina com palavras que o nosso século renegara, «ser» sonoro, sem alma, dinamismo, afirmação sem acção...

Na frente, falange aguerrida... são poucos mas são melhores — a mocidade! — cabeça levantada, peitos descobertos, leais, na luta pela ordem, pela tradição, pela Pátria!

No meio, o eterno meio, o «mas» do campo social e político, olha, parado, como meio que é, — ai! dos que param; parar é morrer! — olha e vê, só sente o que vê... e vê palavras e vê cartazes, berrantes, ferindo a vista, dispostos uns ao lado dos outros, amontoados, confusos!

E vê e gosta...

São berrantes, têm côr — são bonitos!

E olha para uns, e olha para outros... e gosta!

E torna-se a deitar na sua poltrona, acende de novo o charuto, e continua a sonhar...

E o meio consegue subir — pois como não havia de subir se se apoia nas direitas e nas esquerdas!? — e vira-se para a esquerda e diz mal do vizinho da direita, e vira-se para a direita e diz mal do da esquerda, — sempre de bem com Deus e com o diabo — todo mesuras, todo «boas intenções»!

E o cortejo segue...

Ortega y Gasset, Unamuno..., Gil Robles, Herrera..., Primo de Rivera..., Alcalá e seu séquito de damas de companhia, os conservadores!

Para onde caminha a Espanha? Para a direita, para a esquerda, fica parada; caminha ou recua?!

II

Surge o inesperado que o bom senso esperava: a vitória das esquerdas.

E os intelectuais idealistas, os homens que haviam lançado a ideia, rejubilam, contentes, com a implantação da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade!

Liberdade!... linda palavra, sonora, vibrante!

Mas quando foi realidade...

Incêndios, chamas altas devoram assustadoramente conventos, sedes de centros políticos, casas particulares, obras de arte de incalculável valor...

Assassínios... roubos... ferocidades infames!

E «que dizer daquele tétrico espectáculo de Jegua, cêrca de Murcia, onde a população, depois de queimadas preciosidades de arte, preciosidades de valor extraordinário, foi desenterrar o Bispo, amarrou a uma árvore o cadáver, que encontrou incorrupto, e reganda-o com gasolina a que lança fogo, começa dançando uma farândola à sua volta?!

E' de arrepiar.»

Pintar com côres mais tétricas esta dança, dança macabra — a paleta tem côres tam sombrias — não vale a pena; o quadro já é de morte.

Igualdade... linda palavra, sonora, vibrante!

Mas quando foi realidade...

Os patrões são obrigados a readmitir os operários que lhes incendiaram as fábricas e as searas, quando não matavam os capatazes e patrões...

Como igualar o operário bom e trabalhador, ao mau e vadio?

Sará igualdade o justo ser igual ao injusto, o assassino ao honrado?

Mas a igualdade está na própria desigualdade — a hierarquia — os justos serem todos iguais, os bons, os trabalhadores, etc.!

(Continua na 8.ª página)

No dia da passagem do 5.º aniversário da II República espanhola, Alcalá Zamora devia ter sentido, num meditar calmo e triste, a consciência agulhoada pela amarga desilusão.

Como deve estar longe do seu sonho de idealista, esta República de punhos cerrados, gritos de ódio, assassinatos e bombas!

E' o esfriar-se em ténue neblina, das quimeras de um romântico.

Assim sucedeu entre nós a José Caldas, a Bruno, a Basílio Teles, etc.

A lista é infinita.



Anuncia-se o regresso à actividade política do antigo presidente da República espanhola. Em que sentido?

Ainda é cedo para Alcalá Zamora seguir a esteira de Tardieu.

A revisão dos conceitos políticos exige mais longa meditação.



A propósito das cerimónias religiosas na capital, os jornalistas sublinhavam uma nota curiosa, pouco vulgar: mantilhas.

Eram senhoras espanholas que, foragidas ao vendaval que se desencadeou na sua Pátria, só em Portugal encontraram plena liberdade de rezar nos templos.



A censura à imprensa em Espanha é rigorosíssima.

Só através dos jornais franceses e portugueses se pode medir as altas labaredas que consomem a nação vizinha.

A carta que o antigo ministro republicano Salazar Alonso dirigiu a Gil Robles, apontando a necessidade urgente da formação da «Frente Nacional», que o *Diário de Notícias* publicou, é a expressão dolorosa de uma alma torturada pelo abismo em que a sua Pátria está prestes a afundar-se.

Violentam-se donzelas, lançam-se bombas, incendiam-se igrejas, assaltam-se casas particulares e perpetraram-se assassinatos.

Assim o declara o republicano Salazar Afonso e comprovam-nos os espanhóis foragidos em Portugal.

O que vai além fronteiras é mais do que comunismo.

São feras à solta cometendo actos canibalescos.

D A C I D A D E

O problema das águas

Conta hoje Guimarães com 15:000 habitantes, a quem distribue apenas 20 litros por habitante e por dia. Tem 435 consumidores de contador, que gastam, em média, 8 a 9 metros cúbicos de água por mês, o que pagam à câmara, números redondos, uns 60:000\$00 por ano. Não há obrigação da ligação nem consumo mínimo obrigatório.

Calculando uma distribuição de 100 litros por dia e por habitante para uma população de 20:000 almas, arbitrando as perdas em 20 por cento, teremos 2.400:000 litros por dia. Mas Guimarães é uma terra intensamente industrial, de indústrias que requerem muita água: caldeiras de vapor, tinturarias e branqueações, curtumes, garagens, etc. Muitos industriais têm água privativa de minas ou poços, mas a maioria destas águas é agressiva e rói as canalizações em pouco tempo. Se lhes derem água melhor, por certo os industriais a preferem. Neste caso o candal tem de subir, pelo menos, para os 3.000:000 de litros.

Podem as captações da Penha garantir semelhante candal? Não o creio sumentando o número das minas, apanhando aqui e acolá, nos requebros do Monte, todos os filões aquíferos, a Penha é susceptível de dar muita água ainda; poderíamos mesmo recorrer aos mananciais do monte de Santo Antoninho, em Paçô, onde me affiançaram moradores do local haver abundância de água.

São remedeios, soluções parcelares, caras pela multiplicidade de canalizações, e pela sua extensão (de Santo Antoninho a Guimarães 6 quilómetros); era necessário reforçar toda a canalização actual.

E no fim havia a garantia de ter um candal de estiagem capaz de chegar para as necessidades? Duvido; lou-me nas palavras do professor Chsffat, já citadas.

Houve quem lembrasse as nascentes do Selho, para os lados de São Torcato. E' rio de fraco candal na zona que podia interessar e, distância por distância, antes o rio Ave.

Esta é a solução que me parece oferecer plenas garantias para Guimarães. Do candal não cuida, pois que chega para mover as turbinas da fábrica de fiação de Campelos. Da qualidade vai dizê-lo a análise química da amostra que se colheu a mais do parque das Caldas das Taipas, uns

VIDA CATÓLICA

1.º Domingo depois da Páscoa

Jesus aparece no Cenáculo

Evangelho:

Chegada que foi a tarde daquele dia, que era o primeiro da Semana, estando fechado as portas da casa onde os discípulos se achavam reunidos, pelo medo que tinham dos judeus, veio Jesus, e aparecendo no meio deles, disse-lhes: «A paz seja convosco». E, dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se à vista do Senhor. E ele disse-lhes segunda vez: «A paz seja convosco». Assim como meu Pai me enviou a mim, assim eu vos envio a vós». Ditas estas palavras, respondeu sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados àqueles a quem vós os perdoardes serão retidos àqueles a quem vós os retiverdes». Mas Tomé, um dos doze, que se chama Didimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Os outros discípulos disseram-lhe: «Nós vimos o Senhor». Mas ele respondeu: «Eu, se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos e se não meter a minha mão em seu lado, não acreditarei». Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro, e Tomé com eles. Veio Jesus a portas fechadas, e apareceu no meio, e disse: «A paz seja convosco». E logo disse a Tomé: «Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo mas fiel». Respondeu Tomé, dizendo: «Senhor meu e Deus meu». Disse-lhe então Jesus: «Tu creste, Tomé, porque me viste; bemaventurados os que não viram e creram». Muitos outros prodígios fez ainda Jesus em presença de seus discípulos, os quais não foram escritos neste livro.

(S. João, xx, 19-30).

Considerações:

Onde está Jesus aí está a paz. No mundo não havia paz, não havia ordem, mas nasce Jesus e logo aparece a paz. Os anjos cantam: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra...»

Morre Jesus mas, vencendo a morte, sai glorioso do sepulcro e nas visitas que faz saú-la do mesmo modo: «a paz seja convosco».

Dos tempos calamitosos em que vivemos tanto se fala em paz e de cada vez há menos paz. Porquê? Porque faltam os homens le boa vontade e a paz foi anunciada aos homens de boa vontade. Não há paz porque os homens não a procuram onde a d'viam procurar.

A verdadeira paz só se encontra em Jesus. Só o justo só o que vive de bem com a sua consciência, de bem com o seu próximo e de bem com Deus é que tem verdadeira paz.

No dia em que os homens compreenderem estas verdades haverá paz nos indivíduos, paz nas famílias e paz nas sociedades. E havendo paz nos indivíduos paz nas famílias e paz nas sociedades vive-se-a melhor do que actualmente se vive.

200 metros acima da vala de escoamento do estabelecimento terminal, e que será o futuro colector dos esgotos da estância.

Segundo me afirmou um farmacêutico local, esta água do rio é de fina qualidade, tam pura que é a única que se presta ao fabrico da boa goma.

Venda do «Capacete»

Foi de 1:176\$35, o rendimento da venda do «Capacete-miniatura» em Guimarães e de 244\$10 em Vizela.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Freitas Soares

Intitulado *Gratidão Pró-monumento aos mortos da Grande Guerra*, recebemos do nosso terrâneo Freitas Soares um livro com uma colectânea de poesias repassadas de frémios de admiração e de entusiasmo pelos filhos de Guimarães que nos campos da França tombaram em defesa da nossa civilização latina. Brochura de subido gôsto, possui na capa artístico desenho, de efeito patriótico.

Agradecemos o exemplar.

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

Portugal — atracção de excursionistas

Formou-se no estrangeiro, mercê do esclarecido patriotismo do Governo Salazarista, um ambiente de simpatia e admiração à volta do nome de Portugal.

São diárias as lisongeiras referências que a imprensa europeia dedica ao renascimento português.

Saímos da desordem, do torvelinho parlamentar, para enveredarmos, a passos resolutos e firmes, pelo caminho da ordem, condição básica da prosperidade colectiva.

Uma das conseqüências desta administração política, traduz-se nas excursões que visitam Portugal.

Só no dia 7 deste mês chegaram a Lisboa 3.000 operários alemães, 750 franceses e 299 excursionistas ingleses.

Além destes estrangeiros, temos a juntar os espanhóis que fogem do seu país em desordem, em desvairo, para se acolherem na hospitaleira casa lusitana, um dos privilegiados cantos do mundo onde se vive em paz e sossego.

São estas verdades gritantes que enchem de prestígio a política de Salazar.

PEDIBOLA

Académico 3 — Vitória 1

O último encontro de futebol no campo de Bemlhevai teve duas fases distintas.

No primeiro tempo o Vitória desenvolveu bom futebol; no segundo limitou-se a defender-se.

Atabalhoamentos, balões e irregularidades foram as características da actuação dos locais nesta segunda parte.

Contra toda a lógica, o Vitória nesta altura do ano revela declínio.

«Em Portugal, mais do que em país algum, à mocidade incumbe, melhor do que a ninguém, a renovação da vida colectiva em bases espirituais, única forma de fazer progredir Portugal, real e efectivamente.»

Dr. António Rodrigues
Lente da Universidade do Porto

CORPORATIVISMO

Organização patronal

De todos os sectores se clama pela organização corporativa, como único meio de imprimir ordem e estabilidade às relações económicas.

Se não atalharmos desde já a concorrência desenfreada que lavra em algumas indústrias, resvalaremos numa situação de crise aguda, cheia de conseqüências inquietantes.

Dela serão vítimas os patrões, os operários, principalmente e a própria nação.

Os trabalhadores, agrupando-se nos seus Sindicatos, acudiram, com presteza e espírito de disciplina, ao apêlo do Estado Corporativo.

Em Guimarães, temos o Sindicato da indústria têxtil, de cortumes, de cutelaria e de padaria.

Onde estão os respectivos Grémios? Onde está a cooperação patronal para vitória do Estado Corporativo, que é afinal a vitória de Portugal contra as forças dissolventes e anti-patrióticas?

Os grémios, além da defesa dos interesses económicos dos patrões, têm também objectivos sociais, garantidos através dos contratos colectivos de trabalho, que serão a pedra basilar do triunfo da Revolução de Salazar e condição única da paz e harmonia entre patrões e operários.

Os contratos colectivos constituirão a barreira intransponível do comunismo.

Os grémios aliarão pois, aos fins económicos objectivos de ordem social.

Se os próprios industriais, como se depreende da leitura do parecer do conselho fiscal da Companhia de Fiação e Tecidos, inculcam que está na organização a estabilidade económica, porque não conjugam esforços para a formação do respectivo Grémio?

Eis as palavras do parecer do conselho fiscal: «dizemos que, na época que atravessamos de desordenada, e por vezes, inconsciente concorrência» etc... Exactamente.

O mal foi apontado com verdadeiro rigor e espírito de acusada observação.

A falta de espírito associativo dos produtores, eis a causa da concorrência desenfreada que para aí vai.

Pois bem.

O Estado Novo Corporativo suprime esse móbil, porque resolve, por meio dos Grémios, o problema da adaptação da produção ao consumo.

Como se deduz das palavras do conselho fiscal da companhia, reside na concorrência incons-

Organização operária

Cresce a maré de entusiasmo que a organização corporativa suscitou entre os trabalhadores portugueses.

O Corporativismo português, traçado por Salazar com rigoroso espírito de justiça, conquistou, pelas realidades em que se desdobrou e pelo espírito de sinceridade que o informa, — o operariado nacional.

Emquanto por Espanha os operários se subordinam à tutela escravizadora de Moscovo, aceitando princípios de origem estrangeira, os operários portugueses integram-se numa organização portuguesa, delineada por um Português em obediência às características da grei.

Além fronteiras renega-se a Pátria, em Portugal intensifica-se o seu amor.

Além fronteiras os operários procuram fazer a revolução da desordem e da destruição com punhos cerrados e gritos de ódio; incêndios e atentados; violências e assassinatos.

No fim encontrarão a escravidão e a miséria.

Assim é na Rússia.

Em Portugal a Revolução opera-se num ambiente de ordem e tranqüillidade.

Sob a orientação dos delegados do Governo, procura-se, com desejos de conciliação entre o capital e o trabalho, assegurar aos operários o direito de casas económicas, salários mínimos, oito horas de trabalho, subsídios na velhice e na invalidez.

ciente a causa predominante do mal.

Resta apenas que se lhe aplique o remédio, o antídoto, em suma, a organização.

Mãos à obra!

Festa do Trabalho em Barcelos

A direcção do Sindicato dos operários da indústria têxtil com sede nesta cidade, oficiou à Câmara Municipal pedindo parecer sobre a forma mais económica de conduzir os trabalhadores vimaranenses a Barcelos por ocasião da Festa do Trabalho que no dia 1 de Maio se realiza nesta cidade.

A direcção deste Sindicato alvitra à Ex.^{ma} Câmara a organização de um comboio especial a preços reduzidos.

Em Espanha a Revolução parte da «rua» inconsciente e cega; em Portugal da inteligência esclarecida que Salazar personifica.

O Sindicato dos operários da indústria têxtil, que em prol da organização corporativa tem desenvolvido no concelho e distrito uma propaganda digna dos nossos mais rasgados elogios, inaugura brevemente em Fafe e Delães duas secções.

Sabemos que entre os operários destas localidades lavra o mais vivo regosijo pela sua sindicalização, conforme os princípios do Estado Corporativo.

Em Fafe já se inscreveram mais de dois mil sócios e em Delães mais de mil.

O Estado Corporativo lança assim os seus alicerces nos trabalhadores portugueses.

Homens dos Sindicatos!

Sob o comando de Salazar podemos estar convictos de que a Vitória é certa.

Aguardai, calmos e serenos, que Salazar, sempre oportuno e clarividente, dê a voz de comando para que a vossa acção em prol de um Portugal mais justo e humano, tenha igual correspondência nos elementos patronais.

A grande batalha corporativa está no seu comêço.

As jornadas de Fafe e Delães vão ser duas apoteoses retumbantes dos trabalhadores ao Estado Corporativo.

Contratos Colectivos

Realiza-se hoje em Gaia, promovida pelos trabalhadores desta localidade, e com a presença dos representantes do Governo, uma gloriosa sessão comemorativa da assinatura do contrato colectivo entre o Sindicato dos Tanoeiros e o Grémio dos Exportadores de Vinhos.

Há, de facto, motivos de sobejo para estas manifestações de regosijo.

Pela primeira vez em Portugal, mercê da organização corporativa, aparecem operários com salários mínimos, caixas de previdência, férias anuais, etc.

E a Revolução da Ordem traduzida em factos, em realidades que a classe dos tanoeiros sente em toda a sua plenitude.

A' MARGEM

Pais e maridos de nacionalidade espanhola têm vindo a Portugal instalar suas filhas e espôsas.

E' que além fronteiras, a honra da mulher espanhola tem sido poluída pelos sicários a sôlido de Staline.



Como havemos de agradecer a Salazar a ordem que por cá gozamos, acompanhada de uma profunda obra de renovação social, que a organização corporativa tam equitativamente traduz?

Firmando, com mais solidez e coesão, a unidade nacional.

Só assim afastaremos o tufão que se desenha ao longe.

Encaremos com realidade e amor pátrio esta hora de acção, dinâmica e operosa!

O indiferentismo ou as atitudes dúbias e reservadas, podem ter conseqüências irremediáveis.



Os violentos temporais que em Portugal há longos meses se fazem sentir, tem levado o infortúnio a muitos lares.

A atenção que o Governo de Salazar tem dedicado a estes quadros de miséria, é digna dos mais rasgados elogios.

No princípio do ano pôs em execução, através de todos os recantos de Portugal, a campanha de de Auxílio aos Pobres de Inverno; actualmente distribue pelos mais vitimados pela invernia sacos de gêneros alimentícios.

A atitude dos grémios nesta acção de bem fazer também merece louvor.

Só no dia de Páscoa distribuíram-se pelos distritos do sul, por iniciativa do Governo, 200:000 quilos de farinha.

Como estamos longe dos tempos em que os operários, quando amotinados pela fome, eram espingardeados como párias!

Atentemos porém, que o Governo não considera a prática da caridade como fim de justiça social.

Accepta-se como meio nesta hora de crise.

O objectivo da revolução corporativa em marcha está na garantia do pão quotidiano.

Temos de reagir pela verdade da vida que é trabalho, que é sacrifício, que é luta, que é dor; mas que é também triunfo, glória, alegria, céu azul, almas lavadas e corações puros, e de dar aos portugueses, pela disciplina da cultura física, o segrêdo de fazer duradoura a sua mocidade, em beneficio de Portugal!»

SALAZAR.

COMBATE DE MOÇOS

Sente-se de há tempos para cá, de lés a lés de Portugal, um ruído formidável de gente moça que trabalha e que vive, de gente moça que vence e se prepara para vencer.

E' a mocidade de Portugal que estremunhada ao torpor de um século, acorda com fé no coração.

— Torpor dum século! Dum século estúpido, sono maldito de ruína, de vergonha e de morte.

O que fez de nós, povo de navegadores e guerreiros, um sistema parlamentar vendido à burguesia!

— Durante tantos anos a Pátria portuguesa, esquecida da sua missão histórica, agonizou sobre uns Lusíadas fechados.

— Não tínhamos dinheiro, nem crédito, nem já aquilo de que um povo mais carece: de Fé.

Ah! mas tínhamos Liberdade... Tínhamos aquela liberdade à sombra da qual se cometem os mais vis atropelos e se praticam os mais nefandos crimes.

Como agora, em Espanha, todos os dias nos lembram o 19 de Outubro.

A' semelhança dos portões do Arsenal, os espanhóis fecham a fronteira. E depois, a mesma canalha, dos sem Deus e sem Pátria, protegidos pelo governo e pela força pública, chacina a gôsto de Staline e do Komintern.

Tínhamos liberdade, sim.

Mas para os falhos de escrúpulos, para os ladrões do tesouro público, para os vendilhões da Pátria, para os incendiários, para os assassinos e para os judeus da alta finança, corruptores infames dos corpos e das almas.

— Para isto, havia liberdade...! e até havia mais: tínhamos a liberdade, igualdade e fraternidade. Era sob o poder deste trilogismo vigarista manobrado pelo Parlamento e pela Finança que os trabalhadores portugueses asfixiavam.

— Esse tempo passou, graças a Deus.

— Havemos de chegar à Ressurreicão.

A Revolução Nacional Corporativa cria planos cada vez mais definidos em que os direitos do indivíduo se movem sobretudo em função do interesse social e nacional do agrupamento.

E assim é evidente que o conceito de liberdade individual, tende a concretizar-se nas liberdades do grupo social, municipal e nacional, a que o destino ligou o homem.

Todavia, que grande esforço não é preciso para reabilitar a fé deste bom povo tam corrompido no seu carácter e nos seus costumes.

E' necessário a união de todos os trabalhadores portugueses para que se faça o milagre, o enormíssimo milagre, de reconduzir Portugal ao convívio tranqüilo de Deus, fonte inspiradora da sua Epopeia.

— No Estado Corporativo todos são trabalhadores; operários proletários, porque todos têm o dever de produzir.

— Uns, dão o esforço mental.

— Outros, as forças físicas...

Mas cada um, dentro das respectivas classes, nas suas esferas próprias, tem que trabalhar para si e para o bem comum.

E porque assim pensam e porque assim querem é que os rapazes de hoje se lançam no combate.

A luta é trabalhosa... Mas os moços de 1936 que fazem ginástica e jogam futebol, conscientes do momento em que vivem, não

Romagem a Guimarães dos Novos de Portugal

Saudemos na embaixada gloriosa que amanhã visita esta Terra, a mocidade portuguesa, que fremente de entusiasmo e devoção nacionalista, vem, junto do nosso Castelo altaneiro, símbolo de uma Pátria eterna, retemperar a alma, nesta hora cheia de ameaças, para uma vibrante cruzada pelo Ressurgimento espiritual do Império Português.

Guimarães, berço da Nacionalidade, é também o solar brasonado da Pátria, o altar da raça, onde a mocidade portuguesa deve ajoelhar, intensificando a sua fé nos destinos da Grei.

Vimaranenses! Acolhei com ternura e amor os jovens que amanhã nos visitam. Representam a mocidade portuguesa, o futuro da Pátria.

MENSAGEM

Oh! mocidade alevantada e aguerrida, sede bemvinda!

Vós sois a esperança radiosa da Nova Idade, vós sois a vanguarda allaneira e heróica do Portugal de amanhã!

Em vibração unisona de almas em sonho de mais alto, em sede de infinito vindes, hoje, em evocadora peregrinação, ajoelhar ante esta cidade, altar sacrosanto da Pátria que por Deus sempre fôra guiada, Terra-Mãe de Portugal, Berço da Grei!
«Firmemos nas pedras do passado os alicerces para o edificio do Futuro»; palavras de ontem, palavras de hoje.

Vibremos ante o passado, na comunhão de Fé e Patriotismo perante as glórias de antanho, e avante!, construamos o Futuro que será o que nós quisermos!

Mocidade, a hora é nossa!

Cortemos a amarra de um século que prendeu a Caravela da sagrada Cruz de Cristo, sustendo a Rota que Deus lhe traçara, e de novo, como outrora, ela seguirá o seu caminho no rumo do Império, dilatando a Fé!

Mocidade! Ao leme, à popa, a ré... ala arriba! «mais alto», «mais além»... Deus é o piloto.

Oh! mocidade alevantada e aguerrida, sede bemvinda!

ANTÓNIO-LINO.



Afonso Henriques — Chefe glorioso português

PROGRAMA

Dia 18 — Chegada dos primeiros contingentes de escutistas, nos combóios da tarde. Montagem do acampamento junto ao Castelo.

Dia 19 — De manhã: passeio à Penha; às 10,30 horas chegada dos restantes escoteiros e estudantes, acompanhados de suas famílias.

De tarde: às 2,30 horas chegam de Lisboa, em combóio especial, 600 pessoas; recepção do Povo de Guimarães e colectividades aos excursionistas.

Em seguida organizar-se-á uma

marcha patriótica na estação do caminho de ferro, em direcção à estátua de D. Afonso Henriques, onde falarão os srs. drs. Adriano Rodrigues, Gomes dos Santos e José Francisco dos Santos.

Visita aos museus e monumentos da cidade.

A's 9 horas jantar no acampamento.

A' noite: fôgo de conselho, nos claustros do Liceu Martins Sarmiento.

Nota: Pede-se aos moradores do Tournal que se associem à patriótica manifestação junto da estátua de D. Afonso Henriques, engalanando com colchas as janelas.

Peregrinação patriótica

E' amanhã, dia 19 que até nós se desloca em abalada nacionalista, os «Novos de Portugal», de que fazem parte estudantes, escutas e escoteiros.

Dirigem esta patriótica homenagem ao berço da Nacionalidade, os srs. drs. Adriano Rodrigues, major de artilharia e professor da Universidade do Pôrto, Gomes dos Santos e António Castanheira, professores do Colégio Militar.

Entre os números do brilhante programa sobressai-se um acampamento junto ao Castelo, onde os escoteiros permanecerão desde sábado até Domingo à noite.

Este acampamento de transcendente significado, representa o alerta da mocidade em defesa da grandeza nacional.

No domingo, de tarde, haverá uma concentração de cerca de mil jovens, à volta da estátua de D. Afonso Henriques.

A mocidade portuguesa procura, homenageando as glórias da nossa História, robustecer-se moral e fisicamente, para mostrar ao Mundo, que a raça portuguesa se levanta heróica e audaz, na perpetuação das virtudes da grei.

E' este o fim das homenagens a D. Afonso Henriques, D. Denis, Nuno Alvares Pereira, D. João I, Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Cabral, Gama, Alexandre Herculano; e das visitas aos Jerónimos, Torre de Belém, Ermida de Nossa Senhora do Restêlo, Mosteiro da Batalha, Ponta de Sagres e a outros monumentos e locais históricos onde os «Novos de Portugal», já este ano realizaram ou projectam realizar excursões e solenidades educativas e patrióticas.

A romagem a Guimarães representa o despertar das energias da juventude que anseia contribuir, com todo o ardor, para a obra de Ressurgimento nacional em curso.

COMBATE DE MOÇOS

podem respeitar interesses já extintos, num tolerar carcassas onde se alberguem ideas já de há muito fora de moda.

Não. Não transigimos com conservadores empalhados, carangueijos democráticos que nestes tempos de audácia e vitória querem ressuscitar mitos balofos e rídiculos.

— Conservantismos, direitas, intrigas, calmas, calúnias, cautelas, estômagos, barrigas: todas estas expressões que afinal são o recheio do Judas marxista, temos de queimar. Tem de ser assim.

Escandalizamos e ofendemos os bons e pacatos burgueses com a nossa maneira de pensar e agir?

Que importa?

Que se tem conseguido até agora doutra forma?

Não é com os pés na botija, sentados ao fogão e com os bolsos cheios que as ideas sociais triunfam.

Não vamos ter agora considerações por aqueles que nos comprometeram o futuro pelo desprêso do passado.

— Combatemos a reacção democrática porque ela é vélha e nós somos novos.

— Lutamos contra o liberalismo porque prejudica os interesses sagrados da Nação.

— Atacamos o comunismo porque êle quer prostituir a Mulher e a Família e nós uma e outra queremos dignificar.

Porque êle quer escravos e matança, e nós queremos Homens e Justiça.

Porque êle quer abolir as fronteiras e nós pretendemos consolidá-las.

Somos muitos no combate. Não estamos isolados. Acompanha-nos uma rapaziada generosa e sincera. Vêm-nos com esperança os trabalhadores sérios. Lutam ao nosso lado todos aqueles que não contemplam o passado com a admiração comodista de quem não quer preparar o futuro.

Todos os nossos inimigos havemos de vencer pela nossa força e com a nossa fé em Deus.

Não nos atemorizam ameaças porque temos o vigor da nossa idade e não somos cobardes.

A intriga e a calúnia dos nossos inimigos, bichos boateiros de café, que nada fazem nem nada sabem fazer, mas que com a sua sabedoria de jornal tudo criticam tudo caluniam e tudo difamam, essa miserável intriga culuniadora havemos de desfaze-la opondo-lhe a nossa lealdade e desassombro de rapazes que somos.

Somos muitos e sentimo-nos fortes mas poucos que fossemos, meia duzia apenas, nem por isso a nossa fé seria menor e o nosso combate menos corajoso.

— Não cuide o burguês obêso ou qualquer traidor vendido a Moscow que abrindo os cofres aos rapazes fazem melhor a sua acção.

Não. A mocidade vender-se? A corja parlamentar vendia-se. Não se vendem os novos. Os novos sabem ser novos e não admitem coleiras ainda que fabricadas de ouro,

Uma mocidade ardente de fé nos destinos do Império, cheia de amor pela Pátria, constitui a falange que em todo o país age.

Os elementos comunistas, ajudados pela inércia dos conservadores, conseguiram criar no país uma corrente pro-assalto aos trabalhadores.

A nossa posição é de combate aos dois aliados.

PINTO DE CARVALHO.

DO IMPÉRIO

ACÇÃO COLONIAL

Quando eclodiu o movimento de 28 de Maio, as nossas possessões ultramarinas antolhavam-se aos olhos da nação, como colónias de degredados, só próprias para a expiação de penas.

As gloriosas campanhas de Africa nas últimas décadas da Monarquia apenas tiveram o condão de suscitar um entusiasmo que depressa esmoreceu.

No tempo dos políticos surgiram por vezes ministros e governadores das colónias com planos arrojados, que nunca tiveram plena execução, em virtude da falta de continuidade governativa e de ambiente nacional.

As lutas partidárias gastavam as melhores energias em estéreos torneios de palavras.

Do 28 de Maio até hoje, operou-se, sob o ponto de vista colonial, uma completa transformação.

Em primeiro lugar, assumia visos de medida urgente, a formação de uma mentalidade colonial, consciente, activa e operosa, que reconhecesse nas nossas possessões o prolongamento espiritual, económico e territorial da metrópole.

Propaganda intensa, conferências, exposições, entre as quais avulta a do Palácio de Cristal, viagens às colónias, etc., formaram essa mentalidade, hoje bem patente.

A seguir, como reflexo da política de coesão do Estado Novo, criou-se a ideia da unidade do Império, princípio novo estabelecido por Salazar no «acto colonial» e «carta orgânica».

Quando o sr. Dr. Armindo Monteiro sobraçou a pasta das Colónias, outra medida urgente se impôs ao seu espírito: a restauração da ordem financeira nas nossas colónias.

Era a ordem das contas da metrópole a influir na das colónias.

Com os orçamentos sempre desequilibrados, acusando largos déficits, as nossas províncias de além mar estavam impedidas de activar a sua vida económica.

«Em cima da falência, do desequilíbrio, do desregramento, não se pode levantar uma obra de fomento.»

«A falência financeira só pode gerar a falência económica.»

Hoje, graças à orientação firme e clarividente do Dr. Armindo Monteiro, os orçamentos das colónias estão equilibrados.

Estavam lançadas as bases de uma larga obra de fomento que brigadas de técnicos têm intensamente orientado.

A enueneração desta obra é incompatível com as pequenas

A IDEIA IMPERIAL

Da *Voz* transcrevemos este artigo sobre a brilhante conferência pronunciada em Lisboa pelo nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Alfredo Pimenta:

Numa época como a nossa em que tanta vez as intenções generosas se sacrificam ao comodismo tranqüilo dos que não sabem lutar — vão sendo raras as atitudes desassombradas dos que sabem afirmar princípios sempre que o bem da nação assim exige.

A magistral conferência que o sr. dr. Alfredo Pimenta fez no sábado no salão nobre da Academia das Ciências não foi só uma lição notabilíssima para todos que se interessam por questões coloniais ou para quantos sabem ver claro na confusão duma hora sem rumo. Foi acima de tudo, uma admirável lição de História que convém meditar e uma lição de filosofia política que se deve pôr em relevo.

Vivemos numa época triste, turbados os espíritos por mil inquietações e desassossegos; com frequência se diz e escreve que estamos numa viragem da História e no fim duma civilização. A's novas gerações cabe a dura tarefa de rectificar, lutando. Rectificar tudo quanto mais dum século de ignominia deturpou e aviltou; lutar para que a ordem nova a impor não seja a resultante dum fácil jogo de palavras, mas antes a consequência duma fácil doutrinação persistente e fecunda. Como muito bem insinuou Alfredo Pimenta, às conferências coloniais desta série em boa hora encetada deveriam assistir as crianças das escolas — para que desde verdes anos se incutisse no espírito dos portugueses de ama-

dimensões de um jornal de província.

Formada a mentalidade colonial, restauradas as finanças e desenvolvido o fomento, restava a colonização das nossas possessões, que o actual ministro já iniciou com desvelado patriotismo.

A Angola, conforme noticiavam os jornais na passada semana, chegaram já as primeiras famílias de colonos.

Esta iniciativa de grande alcance, reveste-se de extrema importância, não pelo número de portugueses que partiram com rumo à Africa, muito escasso, mas pelo facto de representar o começo da obra de colonização das nossas províncias ultramarinas.

E' sob este aspecto que nós o focamos.

Com a continuação desta medida a ideia do Império adquire plena realidade.

nhã a certeza de que o Império é, não apenas expressão jurídica ou política, mas, mais do que isso, porém, realidade viva, «carne da nossa carne, nervo do nosso nervo».

A minha geração, cuja aprendizagem política tem sido feita ao calor das realidades nacionais e perante um nobre exemplo de restauração e de ressurgimento, não tem desta palavra «Império» a concepção estreita que as gerações precedentes tiveram. Por isso ela aplaudiu a conferência de Alfredo Pimenta — por que o grande pensador soube falar claro, e dar nas suas palavras não só uma síntese do verdadeiro imperialismo mas uma profunda análise às «condições imperialistas» de Portugal. O passado foi evocado não como miragem lírica a recordar, mas como exemplo forte a seguir. Para um público heterogéneo soube falar o autor de «Novos Estudos Filosóficos e Críticos» — passando rapidamente da nótula erudita para o apelo patriótico e da ironia necessária à crítica acerba.

Só do calor dum nacionalismo que é fecundo trabalho criador e não pela contemplação passiva, a ideia imperialista pode dar ao nosso país a posição que no mundo lhe compete.

Saibamos servi-la para que o Império, do Minho a Timor, seja, mais do que motivo de patriótico orgulho a razão de ser da nossa vida, a comunhão das nossas almas e dos nossos espíritos.

LUÍZ FORJAZ TRIGUEIROS.

Urge que esta iniciativa se alargue, se generalize, de forma a transportarem-se para as províncias ultramarinas, centenas, milhares de portugueses.

Para finalizar estas breves e desataviadas considerações, recordemos estas palavras do notável estadista Dr. Armindo Monteiro: «No ultramar está o verdadeiro ideal português. Para as colónias nos empurra uma história gloriosa; para elas nos leva o espírito de poesia e de aventura da raça; para lá nos chamam eloquentes promessas de realização. Para as colónias temos de dirigir, devagar mas persistentemente, a nossa vida. Elas podem-nos dar tudo — desde o orgulho colectivo, que faz grandes os povos, até à certeza do trabalho, à glória das realizações, à riqueza, ao bem estar, à fôrça.»

POPULAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Pelo censo da população não indígena, realizado em Maio de 1935, apuram-se os seguintes números:

Grupos populacionais — Europeus: 13.903 varões, 9.228 fêmeas; total, 23.131. Amarelos: 818 varões, 238 fêmeas; total, 1.056. Indo-Portugueses: 3.038 varões, 1.446 fêmeas; total, 4.484. Indo-britânicos: 3.193 varões, 627 fêmeas; total, 3.820. Mixtos: 6.618 varões, 6.641 fêmeas; total, 13.259. Soma 45.750.

Comparando os resultados obtidos com os do censo de 1928, verifica-se que no período decorrido entre os dois recenseamentos a população não indígena da colónia teve um aumento de 10.180 habitantes, dos quais 3.945 varões e 6.255 fêmeas. A percentagem deste aumento é de 28,62 para a população total, de 16,7 para os varões e de 52,2 para as fêmeas.

Os diferentes grupos rácicos acusam as seguintes diferenças:

Europeus, mais 5.289; amarelos, mais 160; indo-portugueses, mais 1.006; indo-britânicos, menos 1.177; mixtos, mais 4.902.

A população é constituída por 82,3 % de nacionais e 17,7 % de estrangeiros, contra 71 e 2 %, respectivamente, segundo o anterior censo. O aumento de nacionais é de 12.382, ao passo que os estrangeiros sofreram uma diminuição de 2.202.

A distribuição por raças é a seguinte:

Nacionais — Europeus, 20.093; amarelos, 240; indianos, 4.484; mixtos, 12.837. Total 37.674.

Estrangeiros — Europeus, 3.038; amarelos, 816; indianos, 3.820; mixtos, 402. Total 8.076.

Estão representadas trinta e quatro nacionalidades. A população europeia, estrangeira, compreende 1.624 ingleses, 407 gregos, 288 alemães, 180 italianos, 164 suíços, 70 franceses e 305 de outros países.

E' demonstração formal oposta a uma falsa ideia corrente da desnacionalização da nossa grande colónia do oriente africano.

O aumento acima referido da população não indígena verifica-se num período de depressão económica resultante da crise mundial que tam fortemente se repercute na vida colonial. O decréscimo das actividades estrangeiras foi largamente compensado pelo aumento da população nacional, em que toma importante lugar a de origem europeia.

E' um indice saliente do nosso potencial colonizador.

Secretaria Judicial de Guimarães

Arrematação

2.ª Publicação

No dia 19 de Abril do corrente ano, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, nos autos de carta precatória vinda da comarca do Pôrto e extraída dos autos de execução hipotecária em que são exequente o Banco Português e Brasileiro, com sede em Lisboa e executados Eduardo de Carvalho Kendal e mulher, da cidade do Pôrto, vão ser postos em praça e entregues a quem maior lance oferecer acima do seu valor, os seguintes prédios:

Uma casa terrea telhada e sobradada, alpendre e lojas e um cerrado pegado, sita no lugar do Souto de Bersas, freguesia de Gémeos, no valor de 4:780\$00.

Campo do Redondos, no mesmo lugar e freguesia, no valor de 3:250\$00.

O prédio denominado Olival, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 650\$00.

O campo da Tapada, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 7:540\$00.

O campo das Trepadelas ou da Lapinha, situado no mesmo lugar e freguesia; são dois prédios distintos sendo um o campo das Trepadelas que é composto de três leiras, no valor de 3:510\$00.

O Rôço ou campo do Lameiro, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 1:170\$00.

Sorte Grande ou Leira comprida e Pôço da Cancellada, que se compõe de quatro prédios distintos, sendo duas leiras de terreno lavradio e avidado e outra com mato, no valor de 2:870\$00.

Sorte Pequena ou dos Carvalhos, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 280\$00.

Prédio denominado o Fontinhal ou do Miranda, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 108\$00.

A Lavoura

Só conseguem boas produções e racionais, os que empreguem os adubos da Sociedade de Adubos Norte, Limitada, vendidos no depósito de Guimarães aos melhores preços do mercado.

ADUBOS SIMPLES

Sulfato de amónio
Superfosfato
Fosfato Tomaz
Cal azotada
Nitrato de sódio
Fosfato alegre, etc.

ADUBOS CONCENTRADOS

Niphokalium B para «Batata»
Niphokalium C para «Milho»
Batata de semente
Alegria do Lavrador
Magestic e outras variedades, etc.

Para entrega imediata dirijam-se à

Rua de S. Dâmaso n.ºs 65 a 67

João Freitas Tôrres Brandão

GUIMARÃIS

O campo ou Rôço do Sanguinhal, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor, de 280\$00.

Tapada ou Rôço de Boucinhas, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 60\$00.

Sorte de Cutevales ou Trepadeira, campo do pomar e Rôço do Olival, são três prédios distintos, no valor de 3:420\$00.

Sorte da Ribeirinha ou Leira de Toquim, situada no lugar do mesmo nome, freguesia de São Tomé de Abação no valor de 200\$00.

Sorte do Lameirão ou Horta da Casa ou Campo de Maquita, situado no mesmo lugar e freguesia de Gémeos no valor de 220\$00.

Sorte do Picoto ou campo Sôbre o Monte ou Leira de Fora, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 300\$00.

Sorte da Chã ou campo da Casa, situado no mesmo lugar e freguesia. São dois prédios distintos, sendo o campo da Casa situado no lugar do Souto de Bersas no valor de 28:980\$00.

Sorte do Cruzeiro ou Sorte do Monte do Vale, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 300\$00.

Sorte da Deveza das Pipas ou Campo de Trás das Cortes. São dois prédios

distintos, no valor de 4:280\$00.

Pedaço de terra o Souto ou Pôço do Souto, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 20\$00.

O Prédio rústico situado no mesmo lugar e freguesia de Gémeos, composto das seguintes glebas: Sorte de Sonim, Sorte de Sonim de Fora, estas glebas são também conhecidas por Souto da Cancellada Velha, no valor de 160\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação.

Guimarães, 16 de Março de 1936.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

O chefe da 4.ª secção,
Domingos Gervásio Lourenço de Moura

Banco de Portugal**DIVIDENDO**

Encontra-se em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1935, pagando-se por cada acção nominativa a importância líquida de 19\$96 e por cada acção averbada ao portador 18\$65.

Pela Agência Banco de Portugal em Guimarães,

Os Agentes,

Heitor Campos.
Antão de Lencastre.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

Editos de quarenta dias

2.ª publicação

Por êste juízo e cartório da 1.ª secção, nos autos de reforma de título de crédito mercantil que o Ministério Público nesta comarca intentou contra a Companhia dos Banhos de Vizela e D. Maria Augusta de Sousa Martins, actualmente residente em parte incerta mas com o último domicilio nesta cidade, — correm éditos de quarenta dias, a contar da última publicação dêste anúncio, citando quaisquer pessoas incertas, para com o requerente e mais pessoas que intervêm no processo, comparecerem na sala de audiência do Tribunal desta comarca, pelas 12 horas, no oitavo dia depois de findo o prazo dos éditos e da última publicação dêste, — a fim de se proceder a conferência a que se refere o art. 152.º do Código do Processo Commercial, isto é, tratar-se da reforma da acção da Companhia dos Banhos de Vizela, n.º 679, do valor nominal de 100\$00, hoje pertencente ao Estado, e que se achava averbada em nome daquela D. Maria Augusta de Sousa Martins, visto esta ter perdido a sua propriedade e posse por não ter recebido os respectivos dividendos desde 1896 e por tanto há mais de vinte anos, como determina o Decreto n.º 10.634, de 20 de Março de 1925. Nessa conferência serão apresentados pelos citados e mais pessoas intervinientes nos autos, quaisquer escritos que tenham relativos ao título destruído.

Guimarães, 1 de Abril de 1936.

O chefe interino da 1.ª secção,
Eurípedes Eleazar de Brito.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

"ALICERCES" DUM MONUMENTO

III

As cinco colunas e pico da prosa do sr. Capitão D. F. parecem querer transformar a discussão dum projecto de Monumento em uma discussão — monumental!

Ora, como o meu objectivo não é gozar a dialéctica duma discussão sem proveito, passo adiante sobre aquelas mal apuradas expressões de ironia que me são dirigidas, sem elegância, e sobre o mais recheio que não interessa, para só aqui tratar do essencial.

*

Diz o sr. Capitão D. F. no seu primeiro artigo, tratando daquela reunião da Comissão de Estética onde se deliberou sobre o projectado Monumento:

«*Afinal, na celebrada reunião não se foi além de uma troca de impressões.*»

No seu segundo artigo, de novo repete:

— «*não foi, na questionada reunião da Comissão de Estética, a que assisti, aprovada qualquer proposta...*»

Punhamos, agora, para confronto, as mesmíssimas palavras extraídas do relato inserto no primeiro artigo do sr. Capitão D. F.:

— «*Ficou... assentado em que fossem consultados alguns artistas, para ver se eles, mediante um pequeno prémio, se disporem a apresentar trabalhos seus.*»

Logo, na «*celebrada reunião*», *foi-se além de uma troca de impressões!*

Logo, na «*questionada reunião*», *foi aprovada uma proposta!*

E essa proposta consistia:

a) Em fazer uma consulta a artistas.

b) Em solicitar-lhes projectos para um Monumento.

c) Em oferecer-lhes um pequeno prémio.

*

Outro aspecto:

O que vem, afinal, a ser um concurso?

Quando mais de um artista são convidados a apresentar trabalhos seus, esses artistas entram em regime de competência, classificada por um júri.

E' a esta prática de concorrência, em que há reprovados e distinguidos, ao que vulgarmente se chama — concurso!

Ora, se na tal reunião da Comissão de Estética, que o sr. Capitão D. F. relatou, foi deliberado:

a) «*fôssem consultados alguns artistas,*

b) «*para ver se eles, mediante um pequeno prémio,*

c) «*se disporem a apresentar trabalhos seus,*

implicitamente foi deliberado nessa reunião, a que assistiu o

A FOGUEIRA ESPANHOLA

(Continuação da 1.ª página)

Os patrões — alfaiate ou director de companhia de eléctricos, etc. ... — empregam o capital que é seu...

Os operários acham injusto; e «viva a igualdade»... não há direitos desiguais...

Que ficou? Os operários a patrões... os patrões na miséria! Será igualdade?

Fraternidade... linda palavra, sonora, vibrante!

Mas quando foi realidade...

Um antigo ministro regressa pacatamente a casa. Ouve-se um tiro. A bala parte... um corpo, galfinhado de sangue, baqueia...

Ortega y Gasset recebe um presente, prémio da sua campanha... a bomba, encoberta no cesto... parte da casa voa em estilhaços!

A populaça, pseudo-intelectualizada, simbòlicamente, ata uma lata ao rabo de Alcalá, fazendo-o desaparecer...

«*Passela-se nas ruas uma cabeça ainda quente, gotejante, de um facista, facista espanhol, irmão da raça e de nacionalidade dos assassinos... isto é fraternidade?!*»

III

Idealistas sinceros, sonhadores da vida de oiro e rosas, de paz e harmonia — a vida não é luta! — choram no muro das lamentações, madalenas arrependidas, renegando o seu passado... Seguem já na estrada de Damasco...

Ao lado, também desiludidos, criminosamente falando ao sabor dos outros para que não lhes batam, amedrontados, fogem ao perigo, à acção não opondo a acção!

Na frente, falange aguerrida, — são poucos mas são melhores — a mocidade, cabeça alevantada, peitos descobertos, leais, lutam e sabem bem morrer por honra da Pátria!

O «Meio» acordado bruscamente do torpor em que vivia, foge espavorido, olhos esgaseados, mendigando asilo em nações governadas por sistemas político-económicos semelhantes àquele que elles tanto combateram que o derrubaram — o governo ditatorial de Primo de Rivera!

Bem diz Conde de Aurora — em artigo de que atrás respigamos um passo — que este transe em que a Espanha se encontra: «*E' de arripiar.*»

ANTÓNIO LINO.

sr. Capitão D. F., e a cuja deliberação deu o seu voto, — fazer uma consulta em tudo análoga a um concurso!

Pode-se discretoar, dizer que um «concurso», em bases rigorosas, obedece a mais fórmulas preliminares. Mas, sempre que se dá competência, se distingue, se escolhe, se aperta, se confere prémio — há logicamente um «concurso».

Quando, pois, o sr. Capitão D. F. escreve: *que ficou assentado consultar artistas...* e um officio da Câmara Municipal diz, (8-1-1936): *que foi deliberado pela Comissão de Estética fazer um concurso...* ambas as afirmações são verdadeiras.

Eis porque eu, para não deixar ficar mal o sr. Capitão D. F., substituí por reticências o seu parecer de que «*ficou prejudicada a idea do concurso.*»

A eliminação desta frase, impunha-se, em nome da verdade e da lógica.

Se eu escrevi — estar certo o relato, não podia escrever — estar certo o comentário.

As duas coisas, diferem. Uma coisa é a notícia dum facto, outra coisa é o seu comentário.

*

Mantenho, e confirmo, que a Comissão de Estética na sua reunião de Janeiro de 1935, deliberou com o voto do sr. Capitão D. F., abrir concurso para o pro-

jecto do Monumento, fixando estas duas cláusulas:

a) Custa total do Monumento, 70.000\$00;

b) Para o artista a percentagem de 15 por cento.

Transcrevo uma passagem de uma correspondência trocada, a propósito:

— «*Confirmamos a nossa carta de 8 de corrente (Abril de 1935). A fim de habilitarmos os nossos architectos e escultor ao estudo da «maquette» para o monumento aos Mortos da Grande Guerra a erigir nessa cidade, vimos pedir o favor a V. Ex.ª de nos fornecer uma planta rigorosa, devidamente nivelada, com cotas de metro a metro, do largo onde tencionam erigir o monumento, indicando nessa planta todas as construções laterais do largo, bem como a altura aproximada dessas mesmas construções.*»

Esta amostra de correspondência serve a comprovar:

a) *Que a idea do concurso foi aprovada na sessão da Comissão de Estética, realizada em Janeiro de 1935, com o voto do próprio sr. Capitão D. F.*

b) *Que o facto de o sr. António de Azevedo e eu haver-mos manifestado parecer contrário ao concurso, nem por isso significa que não votassemos a proposta do concurso, havendo o sr. António de Azevedo declarado que não concorreria, por razões que desenvolveu, o que*

prova a «coerência» do seu parecer contra os concursos;

c) *Que se os trabalhos preliminares do concurso não prosseguiram, isso se deve, em boa parte, à circunstância de o sr. Capitão D. F. deixar a presidência da Liga dos Combatentes, perdendo-se desse modo a confiança em alcançar por subscrição pública os 40.000\$00 que, juntos ao subsídio da Câmara, prefaziam a importância dos 70.000\$00 orçados como custo provável do Monumento.*

*

Faz-me o sr. Capitão D. F. uma exortação, para que lhe diga a intenção destas palavras do meu «arrazoado» anterior:

— «*Um Monumento de homenagem aos mortos, erigido em praça pública, é lição, exemplo, testemunho, não de núcleos, de pessoas, de grupos, mas da cidade, da alma colectiva dos vimezanenses.*»

Sossegue o sr. Capitão D. F. que corresponderei, plenamente, à sua exortação. Quando, como eu, se dão às palavras o seu exacto sentido, sem reservas mentais, nada custa dar dos nossos pensamentos, palavras e obras, inteira explicação.

Devemos isso à nossa própria dignidade e à honra desta tribuna.

Aguarde S. Ex.ª!

A. L. DE CARVALHO.